

GRILO FALANTE

Jornal Laboratório Grilo Falante da Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho

"Levei muitas
lágrimas aos
lares"

Geraldo Soller conta
sobre seu trabalho como
cronista e jornalista
Livros publicados
viram alvo de
estudo
acadêmico



Intensamente Soller

Ana Flávia dos Prazeres

Este tabloide é resultado de uma pesquisa científica desenvolvida pelas alunas Ana Flávia dos Prazeres e Mariane Vieira, do oitavo termo de jornalismo da Unoeste (2013). A pesquisa desenvolvida analisa as obras do jornalista e escritor Geraldo Soller para se entender como retratou a história e sociedade de Presidente Prudente. Hoje, com sessenta e oito anos de profissão jornalística, Geraldo Soller é um grande ícone da imprensa prudentina. Atualmente, Soller é aposentado e mantém uma coluna domingueira na qual publica suas crônicas no impresso “O Imparcial”. Publicou quatro livros, sendo três deles de crônicas os quais foram escolhidos como objeto de estudo deste trabalho. O tabloide consiste nas análises de crônicas contidas em três destes livros publicados: “Pinceladas do Cotidiano”, “Quarto Dia” e “Grilo Falante”. Foi provado, através destas análises, que estas crônicas servem como documentos de pesquisa sobre a história e sociedade de Presidente Prudente. Visa, também, apresentar a todos os leitores deste jornal, a pessoa de Geraldo Soller e sua importância social e histórica diante da cidade e das pessoas que convivem com o mesmo.

Foto: acervo pessoal



Soller e família. Em pé: Maria Angélica Martinez Soller, Geraldo Soller Junior e João Miguel Soller (falecido). Sentados: Aparecida Martinez Peretti Soller e Geraldo Soller

CRÔNICA Detalhes

Mariane Vieira

Não sei dizer, ao certo, se passa das 01h30, 04h45 ou 05h17 da manhã. Só consigo pensar que a vida é feita de pessoas e de detalhes.

Detalhes do tipo que podem acabar com um relacionamento, como esquecer a data do primeiro beijo, a cor do vestido ou a música do primeiro encontro.

Detalhes, como um atraso de um minuto e meio que faz perder o ônibus, trem ou avião para uma importante entrevista de emprego que mudaria a sua vida, que o faria ficar desesperado ocasionando uma dor de barriga incontrolável.

Detalhes: o meu chefe me pediu esse balanço para hoje ou amanhã? Ou até: com certeza se escreve junto ou separado?

Existem detalhes mínimos, pequenos ou grandes, depende de quão profunda é a importância que as pessoas dão para os ditos cujos.

Ah, as pessoas... criaturas que dão importância ao que não importa e se esquecem o que verdadeiramente importa. Perdoem se ofendi alguém, não foi minha intenção. Mas, em grande parte é verdade. Contudo, o ser humano é um mistério e como já dizia Carlos Drummond de Andrade: “ninguém é igual a ninguém”.

Há aquela pessoa que deixa passar alguns detalhes de propósito, como o horário marcado para ir ao dentista. Há aquela que traz os detalhes consigo: que diz com orgulho os detalhes de uma vida dedicada à profissão e à família; recordando-se de detalhes de como era a vida antes da aposentadoria e aos 13 anos;

relembra detalhes de sua primeira matéria publicada e que se emociona quando os conta em Detalhes para os outros.

Do primeiro tipo, conheço muitas pessoas, em diversos lugares desse Brasil. Mas, quanto ao segundo, só conheço uma, ou melhor, um. Um homem que conheci há pouco tempo, mas que devido aos detalhes e feitos, me remete a um mestre.

Um homem que não gosta de ser esquecido e que sempre quer a companhia dos que o acompanharam no ofício durante anos. Gosta de conversar e contar piadas aos amigos. Não imagina como seria sua vida sem as letras e as palavras postas num texto e diagramadas num jornal e, que, ainda, foi capaz de escrever uma crônica sobre a morte de um filho. Um senhor corajoso, jovem, “antenido”, emocionado, divertido, responsável, disposto, professor, feliz e, acima de tudo, apaixonado. Apaixonado pela esposa, sua inspiração de tantas e tantas crônicas; apaixonado pela sua profissão e família, pelas letras, pelo cotidiano, por Presidente Prudente e pelo jornal onde construiu sua carreira.

Hoje, esse homem é um senhor de 82 anos que escreve suas crônicas numa máquina de datilografia com um dedo apenas e que só não deixa seu ofício de lado por um detalhe: amor.

Senhor este, que se faz presente nos corações de muitas pessoas, que ensinou e conquistou a mim e toda uma cidade por conta de seus muitos e muitos Detalhes – Geraldo Soller.

Mariane Vieira

Nascido em 26 de setembro de 1931 na cidade Pradópolis (SP), Geraldo Soller mudou-se para Presidente Prudente com os pais, Miguel Soller e Desolína Polgrosse de Soller e com os quatro irmãos, quando tinha cinco anos de idade. Aos treze, já trabalhava como tipógrafo num importante jornal da época chamado “A Voz do Povo” e com cerca de sete meses de trabalho foi chamado para fazer parte da equipe do jornal impresso “O Imparcial”.

Jornalista e escritor de quatro livros, Soller é um ícone da imprensa prudentina.

O jornal Grilo Falante esteve com Geraldo Soller para saber mais sobre a sua história, acompanhe a entrevista:

Porque o senhor escolheu ficar aqui na cidade?

Eu não escolhi ficar aqui não, eu cheguei com cinco anos e não podia sair, tem que ir pra escola...

Mas depois de crescido e de casado o senhor continuou aqui...

Depois de crescido eu deliberei achar uma namorada, achei, casei e ela me aguenta até hoje.

Há quanto tempo o senhor casou?

Sou casado há 56 anos com Aparecida Martines Peretti Soller.

De tantos empregos diferentes, trabalhar no jornal é um emprego inusitado. Como o senhor entrou?

Eu me embriagava. Mandavam lá o trabalho para se fazer, letra por letra e eu nunca dispersei da vontade de conhecer aquilo que escreviam, eu amadureci sem nenhuma escola amadurecendo em mim. Foi me viciando na profissão de tipógrafo e acabei me tornando um jornalista.

A partir das matérias esportivas, como o senhor começou a escrever crônicas?

Com a inspiração as coisas vem naturalmente, a gente não sabe explicar porque, uma parte dela é por paixão e por paixão a uma mulher, não tenha dúvida, e isso ai foi induzido na vivência, nas outras oportunidades em que eu escrevi crônicas eu fui tentando disseminar os meus conhecimentos narrando fatos relacionados à vida, coisas pitorescas da vida, coisas tristes da vida e assim desandei a escrever crônicas.

E como era a rotina no jornal?

Eu começava cedo, cumpria as minhas obrigações de tipógrafo, porque eu nunca fui jornalista. E se tinha que redigir uma nota

Paixão pelas letras e palavras fez de Geraldo Soller um jornalista

Com sessenta e nove anos dedicados a profissão jornalística, autor afirma que quando tipógrafo se deixava embriagar pelas palavras

Foto: Ana Flávia dos Prazeres



Geraldo Soller e a esposa Aparecida Martines Peretti Soller

sobre aniversário eu fazia com a mesma simplicidade, só que eu não usava máquina de escrever, eu usava a caixa de tipo.

O senhor tem saudade daquele tempo ou dos colegas?

Eu tenho saudade de tudo. Na minha última crônica eu contei, chamou-se 67 anos de paixão, tenho saudade de tudo. Se eu pudesse sair correndo agora... (emocionado)

Tem algum arrependimento?

Muitas coisas. Eu aprontei muitas e boas e isso pesa na consciência sempre. Tem coisas que eu não posso nem declinar aqui, coisas erradas, não do lado da desonestidade, nem do lado da falcatura, nem da desmoralização, nada disso. Mas, coisas simples que eu poderia não ter cogitado e que me faria melhor se não fizesse.

Tem algum fato inusitado ou engraçado que o senhor lembra dentro do O Imparcial?

Eu vou contar uma coisa pra você que é meio triste. Eu perdi um filho há 20 anos e no dia da morte do filho eu escrevi sobre a morte do meu filho. Foi o episódio mais dantesco da minha vida, eu escrevi sobre o filho caçula que eu tinha perdido... e saiu no dia seguinte ao sepultamento dele. (emocionado)

Como é que eu pude escrever... paixão pelo escrito e a vontade de exteriorizar o sentimento, mostrar pro povo como se sofria e como se podia sofrer.

E quanto aos três livros publicados pelo senhor: Pinceladas do Cotidiano, Quarto Dia e Grilo Falante. Como surgiu a ideia de publicar essas crônicas em livros?

Todo mundo que escreve crônicas e que amontoa crônicas tem sempre vontade de ver essas crônicas em livros e eu separei algumas delas e fiz um livro, podia ter feito 400 livros, o que eu escrevi de crônicas nesse mundo...

O senhor já imaginou a sua vida sem as crônicas?

É como se você me perguntasse: o senhor já imaginou a sua vida sem o trabalho? - que graça teria a minha vida sem trabalho. As minhas crônicas, que não foram só crônicas, foram reportagens, realização jornalísticas de todo porte, poesias... Sem contar o lado de rádio que eu transmitia no rádio o que eu escrevia no jornal. Quer dizer, influenciaram sempre na minha vida.

Eu me aposentei no ano passado e eu pesava 102 e eu emagreci 12 quilos, sem regime, sem nada. Já recuperei, graças a Deus. Mas, eu emagreci de saudade da vida de jornalista.

Quem é Geraldo Soller?

É um cidadão que se fez sozinho, que cursou só uma universidade chamada vida, que se realizou plenamente sem grandes conquistas, sem grandes ambições.

Geraldo Soller é um homem feliz porque é bem casado, tem uma família bem constituída, conquistou tudo o que ele quis, e ele não quis muita coisa, por isso que ele conquistou. E que não se recente de falta nenhuma no seu modo de viver, alguma coisa que o induzisse a ser infeliz. Ele foi feliz na sua totalidade, até quando perdeu um filho e esse filho me deu um neto que há de ser um grande medico, se Deus o permitir.

Soller participa do pioneirismo da história da imprensa prudentina

Vida do jornalista é dedicada a contar e divulgar a cidade de Presidente Prudente e suas histórias

Ana Flávia dos Prazeres

Não há como falar da história da imprensa prudentina sem citar o jornalista e escritor Geraldo Soller. Na busca pela identidade de uma imprensa sólida, o rádio se caracterizou como a presença marcante na cidade. E lá se destacava o jovem Soller que emprestava seu talento também para a locução.

A cidade teve algumas emissoras de destaque. Uma das primeiras foi PR-5 “A Voz do Sertão”, hoje sob o nome de Rádio Difusora, na qual Soller trabalhou. “Cheguei a escrever uma rádionovela. Uma novela recuperada de um prefeito que nós tivemos Luiz Ferraz de Sampaio. Eu adaptei a história dele e a ensaiei com os intérpretes”, lembra Soller.

Em 1967 Soller assumiu a direção da rádio Presidente Prudente, onde teve a oportunidade de trabalhar com o jornalista Altino Correia. “Ele foi me procurar em Presidente Venceslau onde eu estava para me transferir para Presidente Prudente para com ele trabalhar. Nós trabalhamos juntos alguns anos. O Soller inclusive criou o programa O Escara-

muça. Particpei inúmeras vezes”, conta o jornalista e amigo Altino Correia.

O Escaramuça era um programa diário de uma hora de rádio onde se abordava todos os tipos de assunto publicados nos jornais, comentados ou difundidos através de informações. O programa foi considerado, na época, o de maior audiência da radiofonia regional.

Na história da imprensa escrita, Presidente Prudente contou com jornais que formam marcos para a cidade. São eles: “O progressista (1927)”, “O município (1928)”, “O Republicano”, “O Prudente”, “A Cidade (1931)”- que depois recebe o nome de “Folha Sorocabana”, “O Constitucionalista (1934)”, “O Imparcial (1939)”, “A voz do Povo (1926)”, “Correio Sorocabana (1945)” e “A região”.

Com apenas 13 anos de idade, Soller já trabalhava como tipógrafo no jornal A Voz do Povo e com cerca de sete meses de trabalho, devido a sua agilidade no ofício, foi chamado para fazer parte da equipe de “O Imparcial”, onde construiu sua carreira. Logo, se apaixonou pelas palavras. Sua primeira matéria no jornal foi sobre um jogo de futebol do Palmei-

ras, seu time do coração. Geraldo Soller lembra que “o jornal tinha um buraquinho que precisava preencher e o diretor estava ausente. Então, mandaram eu fazer e eu fiz. Ele chegou e falou: quem fechou o jornal? – ah, o Geraldinho aí fez uma notícia do jogo - Ele pegou, leu direitinho e falou: Bom, está aprovado, pode fechar. A partir daí eu comecei a ser redator esportivo do jornal, eu tinha 14 anos”.

Dentro do jornal, ele já desempenhou várias funções, desde varredor de oficina, entregador de jornais, colunista, redator, cronista e até diretor, posto que deixou, segundo ele, por gostar de fazer poesia.

As crônicas vieram mais tarde. Soller não sabe dizer precisamente quando e quantas foram publicadas desde então, mas afirma que a primeira foi uma poesia para sua inspiração e amada Aparecida Martinez Peretti Soller, com quem mais tarde, casou-se. Tiveram três filhos: Maria Angélica Martinez Soller, Geraldo Soller Junior e João Miguel Soller (falecido). “O escritor e jornalista Geraldo Soller é, na minha opinião, o maior cronista de Presidente Prudente”, afirma Maria Angélica, jornalista e filha de Soller.

“Cheguei a escrever uma rádionovela”

Geraldo Soller

Foto: acervo pessoal



Equipe do jornal O Imparcial e amigos do Lions Cinquentenário em visita a Geraldo Soller

O jornalista não diz se arrepende de muitas coisas, mas quando perguntado sobre crônicas escritas Soller afirma: “Levei muitas lágrimas aos lares. E eu poderia passar sem levá-las. Era só eu me omitir, mas como eu não sou de omissões...”

PRESEÇA

Em aproximadamente 1977, Soller passou a publicar uma coluna diária chamada “Fotos e Fatos”, que retratava acontecimentos da cidade de Presidente Prudente, sua política, economia e seus moradores ilustres. A coluna retratou, durante anos, a história de Presidente Prudente. Tornou-se um livro que leva o nome da publicação contendo algumas histórias da cidade e fotos que retratam esses aconteci-

mentos. “Ele nunca deixou de levar a cidade nos aspectos que apareciam, que aconteciam”, diz Barbosa Silveira, amigo de trabalho do jornalista.

Soller deixou de publicar a coluna assim que se aposentou, entretanto, continua a escrever sua crônica domingueira para o jornal “O Imparcial” que até hoje se orgulha em trabalhar. Também presta serviços para a Associação Comercial de Presidente Prudente.

O jornalista Flávio Araújo, que teve a oportunidade de trabalhar com Soller e de ser amigo particular do escritor, conta que Soller “é o maior historiador popular da vida de Presidente Prudente: a memória viva da pujante cidade e que se não fosse o Soller não estaria preservada”.

Foto: acervo pessoal



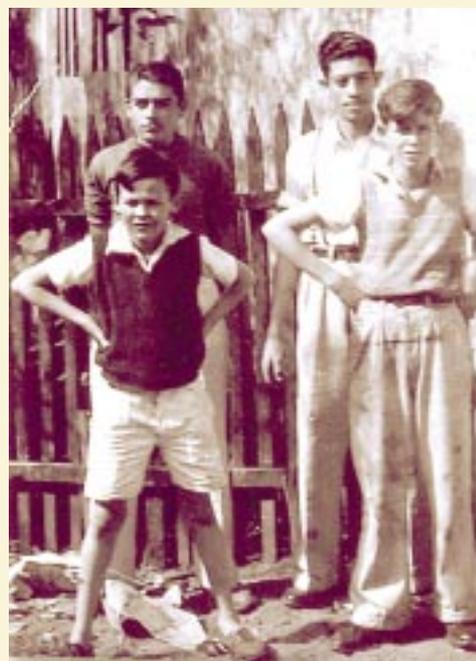
Lions Clube homenageando Geraldo Soller em casa

Fotos: acervo pessoal

Setenta e quatro anos de atuação



Geraldo Soller, 13, em cima da máquina de impressão e amigos no jornal O Imparcial



Geraldo Soller (colete preto), 13, e amigos no jornal impresso O Imparcial



Deodato da Silva entregando a Geraldo Soller o Troféu da Paz. Comemoração da Associação Comercial

O jornal O Imparcial é um marco na história da imprensa prudentina e também na vida de Geraldo Soller. Foi através desse veículo de comunicação que Soller construiu e consolidou sua carreira como jornalista e escritor de crônicas. “O Imparcial sempre foi uma casa acolhedora desde quando eu era moço de calças curtas e suspensórios de pano”, afirma Soller.

O impresso foi fundado em dois de fevereiro de 1939 por Manuel Honofre de Andrade e Heitor Graça. Segundo seu site, o jornal foi vendido em 1943, para Edgard Ângelo Zilocchi que o vendeu, em 1948, para Roberto Santos.

Na década de 90, mais precisamente em primeiro de janeiro de 1995 o jornal foi vendido por Roberto Santos à Editora Imprensa Ltda., de propriedade de Mario Peretti, Adelmo Santos

Reis Vanalli e Deodato da Silva.

O diretor administrativo do impresso, Deodato da Silva, relata que essa parceria surgiu, pois eles vislumbravam “boas perspectivas com a constituição da sociedade porque, com ela, aplicaríamos novo modelo de gestão ao impresso, com aproveitamento pleno do potencial de criatividade e gerencial dos sócios”.

Desde a sua criação, O Imparcial contou com várias mudanças e avanços tecnológicos, dentre elas destacam-se a aquisição de um novo conjunto impressor Offset e a compra de um novo prédio, em 1994, para acomodar os novos equipamentos. Além de equipamentos para pré-impressão. Segundo Silva, “não

há dúvida que a mudança mais significativa foi processada no parque gráfico.”

Como mostra o site do impresso O Imparcial, as mudanças ocorreram nas respectivas datas: 6 de abril de 1995: início da impressão – preto e branco; 30 de abril 1995: primeira edição em cores; 2009: dentro das comemorações dos 70 anos, o jornal promoveu a expansão dos seus sistema de impressão, com a inauguração 12 de abril de 2009 de uma torre de 4 unidades Goss Community, acopladas às unidades remanescentes.

Em 74 anos de história, o jornal O Imparcial contribuiu para o avanço da imprensa prudentina. Silva afirma que des-

de que o impresso foi criado várias publicações circularam na cidade de Presidente Prudente e região. E só na década de 40, o jornal convivia com cerca de dois periódicos que circulavam regularmente. No entanto, quando ocorreram as mudanças, em 1995, só havia outro impresso de circulação regular.

Hoje O Imparcial é o único jornal impresso de publicação diária na cidade de Presidente Prudente e sua publicação circula em 33 municípios. Para Geraldo Soller “O Imparcial se adapta hoje aos grandes jornais do Brasil. O índice de capacidade é tamanha. Os profissionais são bons”.

Amigos definem jornalista como exemplo de trabalho

Foto: Ana Flávia dos Prazeres



Altino Correia, Audálio Dantas e Geraldo Soller

Mariane Vieira

Com 82 anos de sabedoria, Geraldo Soller conquistou vários amigos e companheiros de trabalho, não só no jornal O Imparcial, onde trabalha desde os 13 anos, mas em todos os empregos que dispôs enquanto conciliava a paixão pela escrita e a necessidade de sustentar a família.

Mesmo impossibilitado pela idade e não podendo sair de casa, Soller faz questão de rever os amigos frequentemente. “Nós aqui do jornal, quase todo mês vamos lá visitá-lo”, relata o jornalista e amigo Barbosa da Silveira.

Soller recebe visitas, diariamente, desde o amigo de mais de 50 anos e alfaiate Carlos Garrido, a uma visita surpresa do jornalista e escritor Audálio Dantas, dire-

tor da revista “Negócios da Comunicação” e autor de vários livros, dentre eles o livro “As Duas Guerras de Vlado Herzog” que lhe renderam os prêmios, “Intelectual do Ano – Troféu Juca Pato” e o prêmio Jabuti/2013.

Ao vir à cidade de Presidente Prudente para fazer uma palestra no 4º Salão do Livro Audálio Dantas fez questão de visitar o amigo Geraldo Soller. O encontro foi proporcionado pelo, também, amigo e jornalista, Altino Correia. Segundo ele, Audálio conheceu Soller na última passagem que fez a Prudente em 25 de outubro de 1975 e afirma que, “ele fez questão de dizer: Quero visitar meu amigo, Geraldo Soller”.

Ainda segundo Altino Correia, o encontro dos dois jornalistas foi inesquecível e ficará para a história.

SOLLER PELOS AMIGOS



“O Soller construiu uma marca indelével no jornalismo, exercendo-o em conformidade com os padrões éticos, resultando num trabalho que se confunde com a saga do jornal. Um cidadão admirável. Um amigo.”

Deodato da Silva, diretor de O Imparcial



“Um ser humano de valor incomensurável, um jornalista de mais alta qualidade e um dos maiores prudentinos de todos os tempos, mesmo não tendo nascido nesta cidade. Alguém que me infla o ego sabê-lo meu amigo de todas as horas, amizade recíproca que jamais deixei de manifestar.”

Flávio Araújo, jornalista



“O Soller é um profissional multimídia, inclusive na área do rádio, foi escritor de novela em Presidente Prudente e trabalhou um pouquinho em todas as áreas. De tal forma, que Soller sempre se apresentou como um profissional completo e evidentemente que tivemos o privilégio de beber da sabedoria que ele tem. Um homem grandioso.”

Homero Ferreira, jornalista



“Geraldo Soller é um escritor, um jornalista, um homem de comunicação, um amigo e um companheiro muito fiel.”

Altino Correia, jornalista



“Soller é fantástico. Nenhuma palavra traduz o que a gente tem por ele. Um verdadeiro amor de irmão! Principalmente aqui no jornal, ele vinha quase todo dia com a gente.”

Barbosa da Silveira, jornalista



“O Geraldo é uma pessoa muito honesta, carinhosa, sempre cuidando muito bem de todos nós, da família também. Comigo ele tem um amor muito grande. O Geraldo tem uma facilidade incrível pra escrever desde mocinho, escreve bem desde jovem.”

Aparecida Martinez Peretti Soller, professora e esposa

Crônicas do jornalista Geraldo Soller tomam-se objeto de estudos

Com sessenta e nove anos dedicados a profissão jornalística, autor afirma que quando tipógrafo se deixava embriagar pelas palavras

Quem foi esse cara...?

Geraldo Soller

Mariane Vieira

O jornal tabloide Grilo Falante foi produzido como peça prática do trabalho de conclusão de curso: Jornalismo Literário, história e sociedade nas crônicas de Geraldo Soller.

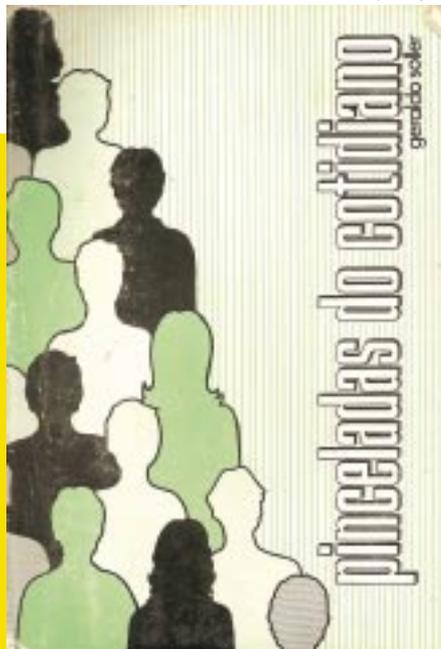
Este TCC, como é chamado pelos alunos da Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho, tem como objetivo investigar se as crônicas do jornalista

Geraldo Soller retratam o contexto histórico e cultural da cidade de Presidente Prudente.

Para obter a resposta foram analisadas nove crônicas do jornalista que compõem os três livros por ele publicados: “Pinceladas do cotidiano”, “Quarto dia” e “Grilo falante”, os quais representam fases da vida do autor.

Abaixo segue uma pequena mostra da análise da crônica: Quem foi esse cara...?, presente no livro “Pinceladas do Cotidiano”.

Foto: reprodução



Capa do livro
Pinceladas do Cotidiano

das, pelo autor, reminiscências de fatos do cotidiano, marcado por meio do tempo psicológico.. Nota-se que Geraldo Soller assume no livro “Pinceladas do Cotidiano” um tom de linguagem sobre o e evidência as características jornalísticas em suas crônicas.

Já me disseram, em tom de blague, que sou uma espécie de restaurador de momentos vivos. Por que me ocupo sempre que possível, de reavivar diante da opinião pública, os valores que, ao seu tempo, plantaram esta cidade-metrópole. Uma cidade onde não se pode falar, ainda, em valores históricos, pois se trata de uma cidade jovem, com pouco mais de sessenta anos. Porém, uma cidade que já deve ir preservando os registros todos de suas conquistas, de sua gente, a fim de que um dia se possa ter, de fato, elementos com que compilar a sua história. Pois ela terá uma história...

Por exemplo, eu me daria hoje por muito feliz se, visitando a necrópole, ao lado do jazigo de Florivaldo Leal viesse a encontrar três braçadas de flores. Sem palavras. Mesmo que fossem flores colhidas aqui ou acolá, sem os rótulos das floriculturas. Me daria por feliz por que haveria de entender que duas daquelas corbeilles foram ali deixadas por u'a mãe saudosa e por uma esposa. Mas a terceira eu poderia acreditar que fosse oriunda de alguém do povo.

É o décimo terceiro aniversário de morte desse homem, que hoje estaria, no vigor de seus cinquenta anos, contemplando essa pujança arquitetônica ou essa explosão de entusiasmo que se vê por todos os lados, atestando um progresso inevitável e uma transformação que estava tolhida, amarrada, não fora a visão inicial daquele homem que se decidiu a dar passadas mais largas, antevendo a chegada de valores outros que forçosamente haveriam de dar seguimento à sua obra ...

Precisamente dessa restauração eu gosto de cuidar. E comigo aqueles que tiveram a ventura de conhecer Prudente há quatro décadas passadas, tão sonhadora, mas ao mesmo tempo tão sem perspectiva.

Acontece que o progresso gera a ingratidão. Acontece que a evolução de um povo, gera o esquecimento.

Florivaldo Leal teria sido ao menos uma semente lançada em terra fértil?

Se ao menos essa resposta fosse afirmativa!

Mas não creio que o seja.

E o que mais magoa é sentir que há muito pouco a se fazer para cultuar essa memória, de um homem brutalmente assassinado, quando se propunha a dar a primeira arrancada com vistas a este futuro de irreversível grandeza que nos está acenando!

Gosto pois, da expressão que me atribuíram, a de restaurador de momentos vivos. Gosto porque não estou restaurando pedras e tampouco imagens. Estou restaurando almas, corações que ainda pulsam de amor por esta terra. Estou procurando oferecer essas criaturas que a velhice já colheu, o direito de sentir em vida que o seu labor frutificou. E esses não deram tanto quanto deu Florivaldo Leal. Que deu a própria vida!

Penso nele com indisfarçável tristeza.

Não quero transformar em herói, porque sei que o seu heroísmo não passou de uma simples sacudidela que a seu tempo ele deu à cidade imersa numa monotonia impressionante. Mas se não o desejo um herói, ao menos o queira lembrado carinhosamente, como aquele que um dia deixou a todos os seus anseios pessoais de lado, seus negócios, sua família, para um modesto quinhão em favor do processo de revitalização daquela que nem era a sua terra natal! É esse preito de reconhecimento que lamento não existir. Por isso me apego tanto ao passado de Prudente. Não para subestimar o presente, que é mais real, mais contagiante. Mas para que os nossos filhos e os nossos netos, quando chegarem ao momento de contemplar esta inevitável conquista, possam ter um leve rasgo de orgulho por tudo aquilo que se edificou. Com sacrifício de uns poucos, com o desprendimento de outros, com a visão irrefutável de um Paulo Constantino, coma odisséia de um Florivaldo Leal!

Tenho nos ouvidos, até hoje, uma frase de um estudante, pronunciada diante da estátua imperfeita de Florivaldo Leal:

- Quem foi esse cara...?

ANÁLISE

A crônica “Quem foi esse cara” é contada em 1978, 13 anos após a morte do prefeito Florivaldo Leal.

Ao analisar a referida crônica compreende-se que Geraldo Soller usa em seu texto um tom ufano diante da cidade de Presidente Prudente. O autor demonstra por várias vezes, ora explicitamente ora implicitamente, o seu orgulho pela cidade e o desejo de que as pessoas também tenham esse sentimento.

Observa-se, também, a maneira com que o autor centraliza os fatos em torno de suas próprias ideias. Tal característica revela o espírito inquiridor e sócio ideológico, como apresenta o exemplo: “Por que me ocupo sempre que possível, de reavivar diante da opinião pública, os valores...”.

A literalidade da crônica é ilustrada quando são evidenciadas,

História e memória nas crônicas de Geraldo Soller

Ana Flávia dos Prazeres

Três livros do autor compõem TCC de alunas do curso de Comunicação Social da Faculdade Jornalista Roberto Marinho (Unoeste)

Geraldo Soller foi escolhido como objeto de estudo por possuir inúmeras obras que retratam a história e sociedade de Presidente Prudente. O projeto iniciou-se no primeiro bimestre de 2013, com a ideia de aprofundar estudos nas obras do autor, a fim de constatar o resgate histórico da cidade por meio das crônicas.

A pesquisa iniciou-se com análises de nove crônicas pertencentes a três livros por ele publicados: “Pinceladas do Cotidiano”, “Quarto Dia” e “Grilo Falante”.

Humanização, estrutura narrativa bem constituída, dialogo formal e coloquial, figuras de linguagem - prosopopeia e heterônimo, preocupação de imparcialidade e subjetividade, são aspectos evidenciados nas referidas crônicas.

Em todas as obras do autor é nítida a maneira com que ele apresenta os fatos do cotidiano prudentino e sua sociedade.

Foi constatado, através de depoimentos de jornalistas conceituados da imprensa de Presidente Prudente, que Soller contribuiu para que a mesma se consolidasse, na cidade, por meio de suas crônicas e de outras contribuições jornalísticas.

As obras ganham importância, pois, em grande parte, são as únicas documentações de acontecimentos

históricos na cidade de Presidente Prudente. Visto que há fatos narrados nas crônicas de Geraldo Soller que não são encontrados em quaisquer outros documentos ou acervo de dados.

Para que as análises pudessem ser feitas, foram utilizados conceitos e orientações do jornalismo literário para comprovar a simbiose: autor x contexto x produção. Ficou claro, através das nove crônicas analisadas, que o autor dependia do contexto vi-

vido por ele no momento que redigia suas crônicas, ou seja, cada livro é representado por uma fase específica. Em “Pinceladas do Cotidiano”, Soller apresenta como principal característica a linguagem e o contexto numa posição sóbria e com profunda essência jornalística. O momento vivido por ele era, de certo modo, ufanista, pois transparece, em seus textos, a paixão pela cidade de Presidente Prudente, da qual se orgulha em pertencer.

No livro “Grilo Falante”, o autor cria um personagem alternativo que se transforma em sua segunda consciência; um heterônimo. Esse personagem confronta as ideias de

Foto: Altino Correia

Soller criando um diálogo interno, fazendo com que o autor discuta os dois lados do fato em questão. Nesta obra, Soller encara os fatos do cotidiano de maneira mais crítica e irônica.

Quanto ao livro “Quarto Dia”, este é composto por crônicas de caráter mais subjetivo e em todas elas encontram-se dados bíblicos e retratam a fé do autor em Deus. Representam a busca de Soller pela sua vocação espiritual completa. Esse fato é retratado quando o autor procura encontrar Deus nos simples fatos do cotidiano. Ao escrever essas crônicas, Soller havia acabado

de fazer um Cursinho de Cristandade, no qual se deparou com seu lado religioso. Deste modo, o autor, através de suas crônicas transmitiu a vivência espiritual em que se encontrava.

Os resultados alcançados por esta pesquisa ganharam a proporção esperada. Foi provado, através das análises, que as crônicas de Soller apresentam conteúdo necessário para serem consideradas documentos de pesquisas sobre a história de Presidente Prudente.



Ana Flávia dos Prazeres, Geraldo Soller e Mariane Vieira